

O TEATRO COMO POTÊNCIA NA FORMAÇÃO DO(A) ALUNO(A)-ESPECTADOR(A)

Anderson Barbosa Soares
Andrisa Kemel Zanella

DOI: http://dx.doi.org/10.19179%2F2319-0868.909

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 46
JULHO A SETEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

O TEATRO COMO POTÊNCIA NA FORMAÇÃO DO(A) ALUNO(A)-ESPECTADOR(A)

Anderson Barbosa Soares[1]
Andrisa Kemel Zanella[2]

Resumo: Esta escrita propõe uma discussão sobre a formação do(a) aluno(a)-espectador(a) a partir da linguagem teatral no contexto escolar. O texto é resultado de um trabalho de conclusão do Curso de Teatro de uma instituição pública do sul do país, realizado no período pandêmico, de modo *online*. Elabora-se uma escrita buscando empreender um diálogo entre os autores-guias (Taís Ferreira e Flávio Desgranges) e as vivências dos sujeitos colaboradores, professores da educação básica. Como reflexões resultantes do processo de pesquisa, observa-se que a inserção da linguagem teatral na escola a partir da experimentação e fruição são determinantes para a constituição do aluno(a)-espectador(a).

Palavras-chave: Formação do(a) aluno(a)-espectador(a); Teatro na escola; Educação básica.

THE THEATRE AS POWER IN THE FORMATION OF THE STUDENT(A)-SPECTATOR(A)

Abstract: This writing proposes a discussion about the formation of the spectator-student from the theatrical language in the school context. The paper is the result of the undergraduate thesis in Theatre Studies at a public institution in the south of the country, and it was written online during the pandemic. A writing is developed in order to undertake a dialogue between the guide-authors (Taís Ferreira and Flávio Desgranges) and the experiences of the collaborating subjects, that are teachers at Public Elementary Schools. As reflections resulting from the research process, it is observed that the insertion of the theatrical language at school based on experimentation and fruition are decisive for the development of the spectator-student.

Keywords: Formation of the spectator-student; Theatre at school; Elementary School.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de conclusão do Curso de Teatro – Licenciatura de uma instituição pública do sul do país e problematiza a presença do teatro no contexto escolar e sua importância na formação do(a) estudante enquanto espectador(a). Como temática, o estudo trouxe a formação da

[1] Estudante do curso de Teatro licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Atualmente está vinculado ao programa Residência Pedagógica, fez parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e suas áreas de interesse são: pedagogia teatral, a formação do espectador, currículo e teatro na educação.
[2] Professora do Curso de Dança licenciatura e Teatro licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

criança e do adolescente como espectador(a) de teatro, tendo a intenção de compreender o desenvolvimento de tornar-se espectador(a) e quais suas influências para que isso aconteça.

Ao refletir sobre a formação da criança e do adolescente enquanto espectadores(as) é necessário levar em conta todo e qualquer atravessamento que eles possuem ao longo da infância e juventude. Sendo assim, pode-se pontuar que, antes da escola, as mídias são em sua grande maioria as precursoras nesse papel. A televisão, os jogos eletrônicos e os celulares são alguns exemplos que uma criança na contemporaneidade, de modo geral, tem acesso com facilidade. A escola, por sua vez, também tem grande importância nesse processo, pois em seu espaço ocorre o contato com a arte, o qual por meio da vivência, de apresentações, das trocas entre alunos(as) e professores(as) e o incentivo à leitura ou a visitações em espaços culturais fomentam a formação do(a) espectador(a).

O estudo, de caráter qualitativo, foi realizado no ano de 2020, em meio à pandemia decorrente da Covid-19, de forma *online* e individual, por meio de formulário e conversa guiada (gravada e transcrita) com três professores(as) da educação básica. Na análise, buscou-se empreender um diálogo entre os autores-guias (Taís Ferreira e Flávio Desgranges) e as vivências dos sujeitos colaboradores(as).

O artigo estrutura-se da seguinte maneira: problematização do teatro no espaço educacional e sua relevância na vida do aluno(a)-espectador(a); análise dos dados obtidos ao longo do estudo e, por fim, as considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida.

Formação do(a) espectador(a) e o teatro na escola

O que de fato torna alguém espectador(a)? Ou quando nos damos conta do papel que exercemos perante os acontecimentos da vida que nos tornam um(a)? A ideia de ser espectador(a) está atrelada a somente observar ou a interagir também? Qual o papel da mídia e da escola nesse processo?

A palavra espectador(a) normalmente está relacionada a quem assiste espetáculos, a um canal de televisão ou a filmes que estão nas salas de cinema. E não seria um equívoco afirmar isso. Entretanto será que nesse processo não se está sendo apenas um receptor(a)? E qual seria a diferença entre receptor(a) e espectador(a)? De acordo com Ferreira (2005), no trecho abaixo, a explicação sobre recepção dialoga entre dois eixos:

> As posições do receptor nos estudos de recepção vai de um extremo a outro: do *receptor-coisa* — condicionado, vazio, passivo — ao *receptor livre e autônomo*, que controla amplamente os processos de comunicação que está envolvido, conferindo aos textos e artefatos, aos enunciados verbais e imagens, o sentido que lhe aprouver. (FERREIRA, 2005, p. 95).

A partir da citação de Ferreira e de seus estudos[3] percebe-se que a ideia de receptor se assemelha ao termo espectador. Isso porque entende-se que sua função opera entre duas bases, receptor-coisa ou receptor livre, dando equivalência ao termo espectador do ponto de entendimento da recepção teatral. Sendo assim, a partir de os estudos empreendidos nos textos da autora, direciona-se a entender que a ação de observar e interagir conecta os termos espectador/receptor.

A construção como espectador(a) ocorre em um contexto amplo. Desde que nasce, a criança recebe muitos estímulos e que culminam na sua inserção na escola ou em outros ambientes de convívio social, além do núcleo familiar. Para Carvalho e Ferreira (2004):

> Teatro, cinema, TV, Internet, brinquedos, propaganda, rádios, músicas, livros, revistas, outdoors, jogos de videogame, roupas: tudo que lhes ensina também a serem o que estão sendo, a significarem o visto de determinada maneira, constituírem-se também através destas múltiplas linguagens com as quais as diversas infâncias deparam-se na contingência cotidiana, do presencial do teatro ao virtual das tecnologias digitais. (CARVALHO; FERREIRA, 2004, p. 2).

[3] A autora Taís Ferreira, em seu livro "A escola no Teatro: E o Teatro na Escola" (2010) traz uma tabela acerca dos estudos de recepção teatral, nela é possível compreender a equivalência entre os termos espectador e receptor.

No entanto, ao pensar no(a) espectador(a) de teatro, enfoque principal da pesquisa realizada, para maioria das crianças o contato acontece a partir do mundo externo, isto é, fora do eixo familiar, em lugares como a escola. Nesse meio, além do convívio com outras crianças que contribui para o desenvolvimento do ser espectador, há o primeiro contato com a linguagem teatral porque muitas dessas instituições investem no teatro como suporte de aprendizado ou até mesmo de forma recreativa. Surge, muitas vezes, como uma atividade extra, em que é de livre escolha participar, não havendo o incentivo e a valorização da linguagem como área do conhecimento e elemento formativo na constituição da criança.

O teatro é uma experiência singular e isso é inegável, a efemeridade do aqui-e-agora faz da relação palco-plateia um momento único. Um filme ou uma série podem ser revistos, uma novela pode ser reprisada e um programa pode ser gravado para ser assistido depois. O teatro não funciona assim. Nenhuma apresentação é igual a outra, embora possa haver mais de uma do mesmo espetáculo. Lida-se com a possibilidade de improviso e isso inclui o público. E quando se fala em espetáculo e sua repercussão, em muitos casos, o silêncio de uma plateia pode dar indícios do envolvimento do(a) espectador(a) com a peça teatral. Conforme Desgranges: “A experiência teatral é única e cada espectador descobrirá sua forma de abordar a obra e de estar disponível para o evento” (DESGRANGES, 2003, p. 30).

Ferreira (2005) também discute sobre experiência, colocando-a como:

> A possibilidade de que algo nos aconteça, de que algo nos toque; somente através da quebra da temporalidade acelerada, hiperatividade, da ultra informação e da superestimulação das opiniões transbordantes. Espaço que necessita de silêncio, da calma, da contemplação, da suspensão, da exposição. (FERREIRA, 2005, p.184).

A partir da ideia de experiência, considera-se que o entendimento de ser espectador(a), por parte da criança e do adolescente, se dá mediante a ligação estabelecida entre ações e reações, que acontecem em lugares como a sala de

aula, dentro de casa, nas brincadeiras de rua, no supermercado, na igreja e em muitos outros espaços. E todos esses acontecimentos devem ser considerados, pois são eles que nos dão subsídios no processo de construção do ser espectador(a). Como expõe Ferreira (2017):

> Problematizar, refletir e debater experiências individuais, únicas, compartilhadas, atravessadas pelas culturas e lugares, pelas subjetividades, estimula a pensar uma concepção de "identidade de espectador", processo constitutivo no qual cada um de nós inevitavelmente está enredado nas tramas da contemporaneidade, já que somos espectadores em praticamente todos os espaços-tempo que compartilhamos e vivenciamos. (FERREIRA, 2017, p. 63).

Tornar-se espectador(a) é um processo inevitável, é inerente a nossa formação enquanto pessoa e cidadão. Em muitos casos, nem mesmo nos damos conta desse papel que exercemos, mas ele está atrelado ao nosso dia a dia. O entendimento vem por meio da clareza de que algo ou alguém está em contato com você e aquela ação tem um objetivo: o atravessamento. E que, a partir dele, causa os mais diversos sentimentos e uma busca pelas múltiplas maneiras de se comunicar com o mundo.

A construção do(a) espectador(a) de teatro passa por muitas fases. Uma delas é dentro da escola, local em que o(a) aluno(a), mediante do contato com a arte, tem a oportunidade de explorar o seu lado observador(a). E, assim, despertar o interesse por espetáculos e apresentações, criando uma conexão com a arte como um todo, passando pela música, dança, artes visuais e o teatro.

O teatro, a dança e a música têm um espaço restrito na escola, sendo necessária uma constante defesa para que sejam vistos como linguagens que possuem seus próprios conteúdos e saberes. Em razão disso, é importante que o(a) aluno(a) durante a sua formação tenha contato com todas essas linguagens como elemento na construção do seu repertório artístico-cultural. E, se tratando do teatro em específico, o acesso a essa linguagem proporciona ao estudante, além da

experiência estética como atuante, um viés reflexivo como espectador(a). Como aponta Desgranges no trecho a seguir:

> O apreço está diretamente ligado ao grau de intimidade e, apenas entrando em contato com o teatro, seus meandros, técnicas, e história, o espectador pode reconhecer nele importante espaço de debate das nossas questões e, principalmente, perceber a quão prazerosa e gratificante pode ser essa relação. (DESGRANGES, 2003, p. 33).

Pela linguagem teatral é possível desenvolver e explorar as potencialidades de cada aluno(a), como a atuação, direção, dramaturgia, equipe de som, figurino, maquiagem etc. Tudo isso é relevante, mas também é preciso pensar em como se constitui o(a) espectador(a) de teatro. Essa questão muitas vezes é posta de lado ou até mesmo esquecida de ser trabalhada. Por isso, é essencial a ampliação de entendimento por parte das escolas sobre a linguagem teatral e suas possibilidades dentro da sala de aula.

O teatro enquanto ensino, além de trabalhar a parte artística, deve fomentar a cultura, repercutindo no reconhecimento e na valorização da arte pelo(a) estudante. Não somente no fazer, mas também na sua apreciação e contemplação. Para Ferreira, há um certo equívoco e despreparo por parte da escola:

> Parece-me que a escola, enquanto espaço eminentemente pedagógico, mesmo que todas as instâncias percorridas e ocupadas pelo sujeito atuem pedagogicamente na formação de suas identidades e subjetividades, ainda não assumiu a necessidade de formar seus alunos também como espectadores, seja do teatro como dos tantos artefatos audiovisuais veiculados pela mídia, dos tantos “espetáculos” que fazem parte a cotidianidade contemporânea, ignorando que “formar espectadores, consiste também em estimular os indivíduos (de todas as idades) a ocupar o seu lugar não somente no teatro, mas no mundo. (DESGRANGES apud FERREIRA, 2005, p. 62).

O reconhecimento da linguagem teatral vem de uma luta constante por parte de professores(as) e profissionais que insistentemente “batem na tecla” da valorização do teatro na vida desses jovens e crianças no período escolar. Sem que seja apenas uma ponte entre uma matéria e outra, mas respeitada nos seus saberes

e conhecimentos específicos. A inserção do teatro durante a trajetória escolar é, indiscutivelmente, importante.

Dito isso, é também necessário pensar e falar sobre a falta das estruturas necessárias para se trabalhar a linguagem teatral. Na maior parte das escolas brasileiras não há um espaço apropriado para o desenvolvimento da disciplina, o que obriga professores(as) a se reinventarem e realizarem o que é possível com o que se tem. A ideia de fazer teatro, para grande maioria da população, vem de uma construção de que para este tipo de arte é requisito um palco italiano ou figurinos luxuosos, quando, na verdade, a riqueza do teatro se encontra também na simplicidade. Onde classes, cadeiras e a sala de aula viram palco e os(as) alunos(as) são plateia e jogadores(as)/atores-atrizes em plena potência. Conforme Soares, é essencial trabalhar com a realidade:

> A escola, dentro de outros espaços, pode e deve ser um local onde a educação se encontra atrelada à criação e à vida. Fazer teatro na educação dentro do campo das possibilidades, não é defender a estética da pobreza ou do mal-acabado. Podemos e devemos buscar sempre o melhor, condições melhores, relações melhores, melhores professores, melhores escolas (SOARES, 2006, p. 100).

Sem negar a precariedade dos espaços ou parar de reivindicar melhores condições de trabalho, é preciso pontuar que a linguagem dentro de seus conteúdos e objetivos é capaz de explorar novas possibilidades criando alternativas eficazes no fazer teatral. Isto é, a maneira como orientamos os(as) alunos(as) a aproveitar materiais simples e a ressignificar ambientes podem resultar numa produção muito potente, enfatizando que é possível fazer teatro em qualquer lugar.

O(a) jovem estudante da escola pública, em sua grande maioria, tem formação enquanto espectador(a) ao acessar televisão, cinema, série, jogos eletrônicos etc., e, também, com as apresentações que circulam pelas instituições de ensino. Entretanto, cabe a reflexão: os espetáculos que estão inseridos no interior das escolas são suficientes para realmente formar um(a) espectador(a) de teatro? Compreende-se que essas apresentações, para além de oferecerem uma

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

estética agradável, um texto bem escrito e encenado, devem buscar um diálogo e uma conversação com seu público, ou seja, deve-se investir na mediação.

"Mediação é uma das formas de classificar uma ideia poliforma, a do elemento que possibilita uma conversão de uma realidade em outra" (ARAUJO, 2002 apud FERREIRA, 2005, p.101). Estabelecendo uma conexão do encenado ao refletido, reverberando na formação do aluno(a)-espectador(a). Para Desgranges (2003), é preciso ficar atento ao que se promove, bem como no envolvimento dessas crianças e jovens:

> Abrir as portas das salas de teatro ao público infantil, convidando a criança espectadora ao diálogo estético, não significa construir determinada forma de teatro, tendo por base a busca de uma linguagem "específica", adequada a seu gosto e capacidade compreensiva, mas tão-somente fazer teatro, com a liberdade, inquietude e investigação de linguagem próprias ao fazer artístico, estimulando um debate em que o espectador infantil também participe, estabelecendo um diálogo, encontro entre adultos e crianças, convidando todos a refletir sobre os problemas do mundo contemporâneo, nossos questionamentos, a partir de diferentes pontos de vistas, diversos enfoques. (DESGRANGES, 2003, p. 86).

A escola faz parte de uma etapa da vida muito significativa. Entre quadros, salas, biblioteca, pátio, refeitório, quadra de esportes e tantos outros elementos que compõem uma escola, lá constrói-se o futuro espectador(a) de teatro e da vida. Exploram-se as capacidades enquanto aluno(a) e pessoa e formam-se sujeitos que integram a nossa sociedade.

A linguagem teatral aprimora conhecimentos e saberes, além de abrir portas para expandir capacidades e habilidades. Como aponta Soares: "O teatro e a educação têm como uma de suas funções ampliar o diálogo e o campo de comunicação dos indivíduos com o mundo, desenvolvendo o sentido do coletivo e possibilitando os seres a se tornarem cada vez mais autênticos" (SOARES, 2006, p. 111).

Tanto a escola quanto o teatro, os(as) professores(as) e os(as) próprios(as) alunos(as) são atravessados uns pelos outros. A construção do(a) estudante,

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

cidadão e espectador(a) é um processo individual e deve ser respeitado. Todos somos singulares, múltiplos e, de alguma maneira, conectados e é, justamente, nas diferenças que enxergamos as mais diversas formas de ser e estar no mundo, as quais ajudam a compor uma sociedade heterogênea.

Professores(as) de teatro da Educação Básica: olhares sobre a formação do espectador(a)

Ao falar sobre a formação do espectador(a) de teatro, é necessário elencar o que de fato compõe este processo: pessoas, experiências e a compreensão da condição de ser um(a) espectador(a). Assim, convoca-se para a cena os sujeitos colaboradores(as) do estudo realizado, professores(as) da educação básica, a fim de amplificar a discussão empreendida até o momento, visibilizando suas vivências em sala de aula. A partir dos autores-guia, traz-se apontamentos e reflexões buscando compreender quais são as referências, as vivências e as esferas sociais que constituem um(a) espectador(a) de teatro.

Ainda, a linguagem teatral nas instituições de ensino, na maioria das vezes, acontece de uma maneira equivocada. Como uma atividade recreativa, opcional ou até mesmo como suporte de aprendizagem para outra disciplina. A limitação sobre o entendimento do teatro enquanto estudo e conhecimento por parte das escolas é algo recorrente, o que dificulta a expansão da linguagem e sua potência na formação dos estudantes. Como aponta **HF[1][4]**:

> *"A formação do espectador ainda é um problema para gente, pelo menos na escola do estado do Rio Grande do Sul. Mas mais por isso sabe, por não compreender a arte teatral ainda ou a linguagem teatral como uma coisa ou como uma disciplina tão importante quanto as outras, entende?"* **(L.[2] 66-70).**

[4] Optou-se por destacar com aspas e itálico os depoimentos dos sujeitos colaboradores(as) da pesquisa, nomeados por letras. "L." significa a linha corresponde à conversa realizada. As linhas constam no arquivo original do Trabalho de Conclusão de Curso.

Outro sujeito, **MN**, conta como a linguagem teatral é usada a serviço das datas comemorativas e sobre a inserção do teatro panfletário nas instituições de ensino:

> *"Nas escolas privadas onde eu trabalhei, ainda tem uma visão muito distorcida, dessa produção teatral dentro da escola como algo muito ligado a questões festivas, datas comemorativas e espetáculos muito panfletários sabe? Tipo, "Ai, vamos trazer um grupo de teatro que fala como escovar os dentes". Mas aí às vezes não é nem uma questão teatral pensada esteticamente, construída com uma linguagem teatral. Não. Então às vezes é uma coisa muito comercial no sentido negativo da ideia sabe? Da exploração. Então a vivência de fruição dos alunos ainda é bem pequena".* **(L. 559-566)**

O trecho acima traz a realidade sobre como o teatro está presente na escola, sem pensar na qualidade ou numa temática relevante para as crianças e adolescentes que o acessam. A restrição dos conteúdos do teatro por parte das escolas acarreta a falta de entendimento da importância da linguagem no desenvolvimento do aluno e, também, na sua constituição enquanto indivíduo. Como expõe Ferreira:

> Historicamente, o teatro acontece nos ambientes educacionais, formais e informais, em duas ocasiões: nas comemorações de datas festivas e cívicas ou como uma ferramenta de apoio a alguma atividade específica de disciplinas consideradas sérias, desenvolvendo conteúdos de outras áreas de conhecimento, como se o teatro em si não tivesse seus conteúdos próprios e de suma importância à formação de um cidadão apto a relacionar-se com as mais diversas linguagens. Essa competência é mais do que necessária ao sujeito no mundo contemporâneo, no qual a espetacularidade, as imagens e os sons recheiam nossos cotidianos, nos incitam a construir sentidos e significados, constituindo nossas identidades e subjetividades, acerca dos quais nem sempre pensamos ou posicionamos de forma crítica e consciente. (FERREIRA, 2012, p. 9).

O teatro não está propriamente ligado a datas festivas ou condicionado a ser suporte de ensino para outras disciplinas, porque, assim como mencionado anteriormente, ele possui seus próprios conteúdos. Logo, seu papel dentro do

ambiente escolar não pode ser reduzido ou diminuído, ele é de imprescindível contribuição para o(a) estudante e ser humano em construção.

Apesar disso, diante das conversas com os sujeitos colaboradores(as) da pesquisa que atuam em um município do sul do Rio Grande do Sul, nota-se que a experimentação/fruição teatral ocorre dentro das escolas guiadas por professores(as), de formação específica, que trabalham de fato a linguagem, trazendo para a sala de aula e para os(as) alunos(as) a possibilidade de se experimentarem e ampliarem suas capacidades. Como relata **MN**:

> *"E aí a gente começa a trabalhar não a pecinha do dia das mães, não a pecinha do final do ano para contemplar as expectativas dos adultos, mas a construir uma linguagem corporal. As crianças começam a entender a função do teatro. E aí começa esse primeiro espectador que é o espectador do colega. Começam os jogos teatrais na sala de aula, então eu começo a aprender a ver como é que meu colega joga, como eu jogo com o corpo do outro".* **(L. 583-589)**

Quando o(a) aluno(a) entende seu papel como peça fundamental no jogo, na ação, exercendo a observação e a interação, se colocando para o(a) outro(a) em constante troca, ele(a) conecta teoria e prática e dá sentido ao fazer teatral. Ao perceber sua função e contribuição dentro do jogo, cria-se um vínculo e apreço pela experiência. De acordo com Desgranges:

> O jogador-espectador compreende o jogo da cena e sua função nele, observa a resposta criativa dos demais às propostas levantadas pelo professor, ao mesmo tempo que as compara com sua criação e atuação. O participante aprende, assim, a gostar de ser espectador e percebe a importância de sua participação crítico-criativa. Ao compreender o jogo de cena e suas regras, o aluno adquire a consciência de que, se o espectador não faz seu papel, não há jogo. (DESGRANGES, 2003, p. 75).

O apreço pelo teatro se dá por meio do contato e, principalmente, a partir da experienciação da linguagem teatral. A experimentação e a fruição mencionadas acima, pelos sujeitos colaboradores(as) da pesquisa, são formas de fazer este

aluno(a)-espectador(a) se aproximar cada vez mais da linguagem e instigar essa relação de contemplar, gostar e desfrutar das artes cênicas.

Ao buscar novos caminhos ou possibilidades para o desenvolvimento da criança e do adolescente como espectador(a) de teatro, é necessário levar em consideração a maneira com que ele(a) acessa essa fruição e experimentação teatral. Ou melhor, por meio de quem esse contato acontece? E, assim, adentra-se numa discussão muito relevante: O(a) professor(a) e a importância de uma formação específica em teatro.

Com um(a) profissional da área, a inserção e a valorização do teatro no espaço educacional começam a se efetivar. Dão-se os primeiros passos na formação do(a) aluno(a)-espectador(a) que exercerá este papel que é um dos elementos no fazer teatral. Assim, se caminha para uma construção da linguagem dentro do currículo e em toda a comunidade escolar. Como bem pontua **MN**:

> *"Quando a gente leva esses alunos para assistir uma peça ou até quando a gente começa a selecionar que espetáculos vão para a escola. Quando se tem um professor de teatro na escola, esse teatro panfletário e comercial ele já não vai chegar da mesma forma. O professor já vai ajudar nessa seleção, já vai inclusive explicar para os colegas porque os meus colegas também não sabiam diferenciar".* **(L. 591-596)**

A apreciação teatral para o(a) aluno(a) é essencial, porém, ela também pode ser pensada a partir de um alcance maior. Por que não pensar em formar um espectador(a) que vá além da sala de aula ou dos corredores das instituições de ensino? Como, por exemplo, atingir pais, vizinhos e vizinhas, tios e tias, primos e primas e toda e qualquer pessoa que faça parte da comunidade escolar. Construir esses vínculos de aproximação que ultrapassam os muros da escola é criar alternativas para ampliação do teatro como conhecimento e investir na formação do(a) espectador(a). Segundo Desgranges:

> Abrir o teatro, de fato, de maneira que o espectador se sinta participante efetivo de um movimento artístico, fazendo da instituição teatral um espaço comunitário, de todos e aberto a todos. E não um espaço restrito, reservado ao desfile de alguns poucos e inflados egos. (DESGRANGES, 2003, p. 26).

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

A estruturação da linguagem teatral nos espaços de ensino requer uma soma mútua de profissionais para, de fato, acontecer e tornar a compreensão do teatro como linguagem e aprendizagem fundante na vida de todos. Assim como ampliar a inserção do(a) profissional na escola, garantir condições dignas de trabalho e investir em uma formação de um(a) aluno(a) crítico(a) e reflexivo(a) a partir de uma perspectiva sensível. Para Desgranges, a escola somada ao teatro tem uma lista de quesitos para se cumprir:

> Em nossas instituições, tornam-se fundamentais os seguintes requisitos: a presença do professor de teatro e a inclusão da disciplina no currículo não sejam para 'escolarizar' o teatro, aprisionando este àquele; as aulas de teatro nas escolas sejam de um espaço de respiro, de diversão (mas não necessariamente de recreação); os espaços oferecidos para essas aulas e a quantidade de alunos por sala ofereçam mínimas condições de trabalho aos educadores; os professores de teatro não sejam somente transmissores de conteúdos ou meros repetidores de jogos conhecidos, mas principalmente "despertadores" ou propositores de efetivas experiências artísticas; as aulas de teatro sejam uma porta aberta, tanto para o teatro contemporâneo como para o mundo lá fora, espaço imaginativo e reflexivo, em que se pensem e inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola. (DESGRANGES, 2003, p. 71-72).

Ao falar da formação de um(a) aluno(a)-espectador(a), fala-se também de sua formação enquanto pessoa. E, isto, inclui a constituição para além das muitas áreas de conhecimento, de um sujeito consciente, propositivo e aberto ao diálogo. Antes de qualquer disciplina, propõem-se que a formação do(a) estudante seja pautada na seguinte indagação: que cidadão está se formando?

A linguagem teatral é essencial na construção de um ser humano capaz de compreender o mundo à sua volta. E o contato com o teatro faz dele um cidadão mais crítico-reflexivo e, sobretudo, protagonista. E é com base nisso que se cria possibilidades e caminhos para uma sociedade mais justa e afetiva.

Ao pensar na construção de um sujeito espectador deve-se levar em consideração toda e qualquer experiência que ele carrega consigo. Seja no contexto familiar, nas brincadeiras de rua, na igreja, no clube e tantos outros lugares,

podendo, assim, dizer que se constitui um(a) espectador(a) em praticamente todos os locais que se frequenta.

Tanto os conhecimentos e ensinamentos, os contatos com os mais diversos lugares, linguagens, objetos e produtos como as vivências com outras pessoas e os campos de aprendizagem ajudam a compor nossas experiências. E, principalmente: acabam por expandir nossos horizontes e entendimento da sociedade e do mundo em que vivemos. Legitimar todas essas experiências durante a formação do(a) aluno(a)-espectador(a) é uma maneira de fazer com que ele(a) se aproprie de sua história e construa novos saberes, jeitos de se comunicar e, consequentemente, a própria identidade. Como argumenta Ferreira (2012):

> Cada espectador, cada sujeito que forma uma plateia, seja adulto, idoso, criança ou bebê, carrega consigo um baú de experiências de vida e vivências como espectador de diversos artefatos culturais. Essa bagagem (que pode receber o nome acadêmico de "capital simbólico"), é aquilo que nos pertence e nos constitui, que nos ensina, não só a nos relacionarmos com linguagens artísticas ou comunicativas, como modos de ser e estar no mundo, o que é certo e errado, bonito ou feio, como devemos nos portar e do que gostamos ou não. Claro que isso não é tão simples, e não aprendemos a ser quem somos somente com livros, revistas, filmes, roupas, programas televisivos. Existem muitas outras instâncias que nos constituem: a família, a escola, a igreja, o bairro, o time de futebol, a comunidade, a etnia, a nacionalidade, o gênero, entre outros tantos. (FERREIRA, 2012, p. 54).

O teatro, sendo uma das linguagens mais antigas de comunicação do ser humano, não pode ficar restrita a um número mínimo de pessoas privilegiadas. A expansão deve ser feita e garantida com o auxílio de leis de incentivo que alcancem todos os públicos e cidadãos de uma cidade. Só assim teremos, de fato, uma democratização de acesso à cultura e à arte. Conforme Desgranges aponta na citação abaixo:

> Como pensar em uma pedagogia do espectador sem o necessário incentivo à produção teatral e a projetos que facilitem e estimulem o acesso às salas? De que valem espetáculos de qualidade se o público não tem acesso a eles? Ou de que adianta espectadores motivados sem uma produção teatral provida de recursos que viabilizem sua execução? Para a conquista da

SOARES, Anderson Barbosa; ZANELLA, Andrisa Kemel. O teatro como potência na formação do(a) aluno(a)-espectador(a). *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-20, ano 21, nº 46, setembro de 2021. Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

> linguagem teatral é importante que se pense, conjuntamente, sobre condições de acesso físico do espectador às salas de espetáculo, porque é na própria experiência artística que o espectador vai descobrir o prazer do ato que lhe cabe. (DESGRANGES, 2003, p. 176).

O(a) espectador(a) em cada criança e adolescente deve se constituir ao longo de sua trajetória escolar e de vida para que se possa alcançar o espectador de teatro assíduo, aquele que sente prazer em apreciar e consumir arte. Ao considerar o(a) espectador(a) em construção e seus modos de ser e estar no mundo contemporâneo é relevante mencionar os artefatos culturais, os meios de comunicação e toda e qualquer relação que contribua para este processo. O contato com a internet, objetos, brinquedos, livros, filmes, jogos etc., conecta crianças e jovens no mundo virtual e real. Essas relações despertam e aguçam o imaginário, a criatividade e a interação, possibilitando a descoberta de novos universos. Essas experiências permitem uma certa autonomia a qual eles(as) acessam e com qual interagem a partir de suas próprias escolhas, ampliando seu repertório e constituindo uma identidade enquanto espectador(a). Porém, como **MN** menciona abaixo, é necessário ficar atento em como mediar da melhor maneira esse contato com as outras referências na formação do espectador e a ligação com o teatro:

> *"A internet né, a gente tá numa geração, ainda mais nesse momento de pandemia, a internet está tendo um papel muito importante nesse momento. Tanto positivamente quanto negativamente. E aí cabe a gente fazer...quem vai ser o mediador? Como que esse mediador vai se colocar para interagir? Porque a gente também não pode fazer um papel de boicotar... "Ah não, mas se está na mídia não é bom". Não, isso faz parte da realidade desses alunos. Como que eu incluo isso de uma forma positiva, como que eu construo algo positivo em cima daquilo que é a realidade deles".* **(L. 675-682)**

Como bem pontuado por **MN**, negar a realidade dos(as) alunos(as) não é a melhor decisão. Trabalhar a partir da vivência dessas crianças e adolescentes e unir suas bagagens pessoais junto a linguagem teatral é uma forma de construir novas referências e expandir os conhecimentos e saberes acerca do teatro. Conforme Carvalho e Ferreira (2004):

> Pensando estes múltiplos artefatos e discursos com os quais as crianças relacionam-se, veiculados nas mais diferenciadas linguagens (virtual, audiovisual, escrita, oral, gráfica, corporal, sinestésicas, etc...), poderemos entrar em contato com importantes constituintes das identidades e subjetividades infantis, já que estes artefatos e discursos não somente reproduzem ou comunicam conteúdos e formas e sim constituem os próprios sujeitos que os consomem, através dos modelos e das representações que veiculam. Filmes, livros, sites, blogs, peças de teatro, brinquedos, músicas, revistas, programas de TV, enfim, toda a gama de produtos (que estimulam e legitimam determinadas práticas, como as de consumo, por exemplo) aos quais a grande maioria das crianças tem acesso na contemporaneidade contribuem a sua formação enquanto sujeitos sociais, ensinando-lhes modos de ser e estar no mundo, modos de olhar para si e para os contextos a sua volta, modos de conferir significado aos eventos, práticas, imagens, sons e pessoas com os quais convivem. (CARVALHO; FERREIRA, 2004, p. 01).

São autênticas as relações construídas por essas crianças e jovens a partir da internet, por meio dos artefatos culturais ou com os grupos sociais nos quais estão inseridos. São maneiras e jeitos de formar uma identidade não só como espectador(a), mas, também, como pessoa. Sendo assim, tudo isso deve ser respeitado porque são legítimas e importantes e fazem parte de sua história.

Diante disso, pode-se dizer que a formação do(a) espectador(a) acontece por meio de inúmeros atravessamentos. Todas essas experiências contribuem para a formação do(a) aluno(a)-espectador(a) e servem como subsídios para que este cidadão crie desejo pela apreciação/fruição do fazer teatral.

Considerações finais

Retomando... A pesquisa pautou-se na problematização da formação do(a) espectador(a), visando ressaltar a importância da arte no currículo escolar, tendo em vista a escola como um espaço para a formação de público.

A linguagem teatral e sua importância no currículo escolar pode ser dividida em dois momentos: A sua relevância para formar um(a) espectador(a) de teatro e a sua pertinência na vida do sujeito em formação. Momentos esses que exemplificam de forma mais detalhada a potência do teatro nos espaços de ensino. O(a) aluno(a)

em contato com essa linguagem adquire uma dimensão maior sobre o que é arte. Reconhecendo não só as artes visuais, mas também a dança, a música e o teatro como formas artísticas de se expressar. Essa compreensão elaborada pelas crianças e adolescentes pode representar um leque de possibilidades sobre maneiras de se comunicar, ampliando suas habilidades dentro e fora da sala de aula e novos jeitos de aprender, dialogar e trocar experiências.

Dentro do contexto escolar, também é preciso pontuar que por meio do teatro o(a) estudante amplia sua compreensão e leitura de mundo. Esse desenvolvimento é muito significativo. Pois é nesse período que ele(a) constrói seu caráter, seus pontos de vista sobre o mundo e sua identidade. Esse(a) aluno(a)-espectador(a) também é um cidadão que integra uma família, um grupo social e uma comunidade. Então, pensar numa educação artística sensível é construir caminhos para uma sociedade mais justa e afetiva.

Assim, defende-se que a inserção da linguagem teatral no currículo escolar é necessária, bem como um(a) professor(a) com formação específica para ministrá-la. Esse(a) profissional graduado é um dos meios para a formação de um(a) espectador(a) de teatro, tendo em vista que com seus conhecimentos poderá propor um trabalho que dará ferramentas para pensar e ver teatro de uma forma plural, criando vínculos e construindo saberes pelo fazer teatral.

Cabe ressaltar que a fruição e a experimentação dentro das dependências da escola devem ser fomentadas desenvolvendo, desse modo, um outro/novo olhar e perspectiva sobre a linguagem a partir de um trabalho com dramaturgia, improvisação, jogos teatrais, sonoplastia, figurino, cenário, maquiagem etc. Todos esses conteúdos e elementos compõem o teatro, junto a figura do(a) espectador. Essa relação do(a) espectador com o fazer teatral é única e garantida pela efemeridade de cada apresentação ou performance. Consequentemente, o aluno(a) em contato com essas aulas tem a possibilidade de construir suas próprias ideias e concepções sobre o que é arte e a importância dela na sua vida.

A arte e a cultura são determinantes na vida de qualquer sujeito. No entanto, o acesso a elas não deve se restringir somente ao espaço escolar. Praças, ruas, mercados, igrejas, centros de grande movimentação também devem ser lugares de expressões artísticas, propiciadas pelos governos estaduais, federal e prefeituras e por grupos independentes. A partir de leis de incentivo à cultura e ações que levem para os bairros de periferia e zona rural, garantindo a democratização do acesso dessas linguagens.

O(a) espectador(a) de teatro, enfoque da pesquisa realizada, é constituído pela escola e pela mídia, por exemplo, mas também pelo teatro da igreja, pelas brincadeiras na rua e nos mais diversos espaços e grupos sociais no qual ele(a) esteja inserido. Esse(a) espectador(a) é uma construção de muitas vertentes e todas são legítimas e necessárias para a sua formação. À medida que um sujeito é estimulado a consumir e apreciar arte, ele amplia sua consciência de que a arte e a cultura são para qualquer pessoa, independente da classe, orientação sexual, raça, etnia ou crença. Torna-se um cidadão consciente de seus direitos e deveres bem como conhecedor de suas potências em se expressar e comunicar.

Diante do que foi apresentado, acredita-se que a formação de um(a) espectador(a) de teatro aconteça mediante a muitas instâncias e a partir de caminhos como: a inserção da linguagem teatral no currículo escolar, o incentivo de verbas públicas para fomentação de arte e cultura, a garantia de concursos públicos para professores(as) com formação específica em Teatro, a aproximação da universidade com a comunidade e a compreensão da sociedade sobre arte e sua dimensão na vida de qualquer ser humano.

Referências

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; FERREIRA, Taís. Múltiplas Linguagens: As Crianças do teatro à Internet. Dos artefatos, linguagens e modos de ser das crianças na contemporaneidade. *Revista Digital Art&* - ISSN 1806-2962 - Ano II - Número 02 - Outubro de 2004. Disponível

em:<https://www.academia.edu/4068538/M%C3%BAltiplas_linguagens_as_crian%C3%A7as_do_teatro_%C3%A0_Internet_2004> Acesso em: 20 jul. 20.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do Espectador*. São Paulo, Hucitec, 2003.

FERREIRA, Taís. *Professores/as de teatro e dança brasileiros/as como espectadores.* 2017. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). 301f – Universidade Federal da Bahia – Escola de Teatro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Bahia, 2017.

_____. Teatro na sala de aula, no pátio, na biblioteca, no auditório, na rua… In: FERREIRA, Taís; FALKEMBACH, Maria da Fonseca. *Teatro e dança nos anos iniciais.* Porto Alegre, Mediação, 2012.

_____*. A escola no teatro: o teatro na escola.* Porto Alegre, Mediação, 2010.

_____. *Teatro infantil, crianças espectadoras, escola* – Um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) 236f - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul. Porto Alegre, 2005.

SOARES, Carmela. Teatro e educação na escola pública: uma situação do jogo. In: ADERNE, Silvia. *Entre coxias e recreios:* recorte da produção carioca sobre o ensino de teatro. Yendis, 2006, p. 97-111.